

A PATRIA

Órgão dos interesses da colônia brasileira no Rio da Prata

Administração: Calle 25 de Maio 471, esq. de Ciudadela

Montevideo--Domingo 30 de Janeiro de 1887

Diário da manhã--Anno IX--Num. 2270

A PATRIA

Publicação diária e da manhã. — Sabe pela
topografia do seu nome

DIRECTOR: PASSIO A. FARINHA

TELEPHONE «LA URUGUAYA» N. 256

COLLABORADORES

Dr. J. Ferreira de Araújo.
Dr. Joaquim Nabuco.
José do Patrocinio.
Conselheiro Tuiy Barbosa.
Dr. Ennes de Souza.
Dr. Antonio M. dos Reis.
Dr. Luiz J. Pereira da Silva.
Dr. Augusto Faria de Souza.
Luiz de Andrade.
Dr. Americo de Castro.
Elisio Mendes

Tem correspondentes nas capitais da Europa
e nas principais cidades da America do Sul.
Tem agentes em todos os departamentos da
Republica, nas potencias da fronteira com o
Brasil e com a Republica Argentina.

CONDIÇÕES

Assinatura mensal nesta cidade . . . \$ 1.50

PARA FORA . . . \$ 3.00

Semestre . . . \$ 8.00

Anno . . . \$ 15.00

Numero do dia . . . \$ 0.10

atrás . . . \$ 0.20

ASSINATURA PARA O BRASIL

Semestre (moeda papel reis) . . . 12500

Anno . . . 36000

PAGAMENTO ADIANTADO

NOTAS

As assignaturas devem sempre concluir no fim
de Março, Junho, Setembro ou Dezembro, po-
de começar em qualquer dia.
A correspondência deve ser integralmente selada,
sem o que não será retornado correio.
Sempre deve ella ser dirigida ao Direc-
tor. Não se devolvem originaes, ainda que não se-
jam utilizados.

A PATRIA

MONTIVIDEO, 30 DE JANEIRO DE 1887

Dois artigos do «Echo do Sul»

Eis como o *Echo do Sul*, do Rio Grande,
se occupa dos successos occorridos na
fronteira de Santa Anna do Livramento.
O primeiro artigo foi publicado a 11
e o segundo a 15 do corrente mez.

Sombras no horizonte

O velho e procvado diplomata Sr. con-
selheiro Lopes Netto disse um dia a
quem estas linhas escreve, que a despe-
da da indolencia conciliatoria e lial da
nossa politica nas republicas do Prata,
que os polacos miram a continuarem a
olhar-nos com os mesmos olhos com
que os polacos miram a Russia, porque
não com, rechemdo o Brasil senão como
o usurpador de territórios, como um
leão com as garras postas na coração da
suas respectivas nações dila tes.

Até ha tem poucas sombras assim era;
rinda o com relação ao sul; mas os
orientes, esses estão, completamente
esquecidos das antigas rivalidades origi-
narias das velhas metropoles. — Os pro-
prios resentimentos, que contra nós tu-
triam por causa dos successos de 1855,
desvaneceram-se em seu espirito por ef-
feito das fraternas demonstrações que
lhes temos dado a pela convicção que
elles nutrem do que nós velamos activa-
mente pela sua independencia.

Da época do governo Ellauri para cá
a nossa diplomacia operou na Republica
Oriental, uma evolução salutar em
proveito do Imperio. Rio Branco tinha
já apurado no animo de nossos irreque-
tos vizinhos e sentimento da cordialida-
de; e os ministros que lhe succederam,
achando o terreno arroteado, facilmente
lovaram a cabo a tarefa de dissipar as
pequenas preocupações, que, como os

FOLHETIN DA PATRIA

O DR. ANGELO PAROLI

POR
XAVIER DE MONTEPIN

TERCEIRA PARTE

VII

juiz de instrução supor que essa carta
estava com o recibo do banqueiro e o
projeto do testamento na carteira de
Jayme Bernier. Bastaria uma palavra do
comico para perder-me. E' preciso que
elle não possa dizer essa palavra... Elle
não a dirá.

Assim monologando, Paroli chegou á
marie.

Subio á secção dos casamentos e en-
tregou todos os papeis necessários para
a publicação dos banhos do casamento
projectado entre ella e Cecilia Bernier.
Enquanto o italiano fazia assim os
seus negocios, Oscar Rigault não tinha
ficado inactivo.

Sabemos que elle tinha tomado a si
procurar um aposento onde instalar,
com a possível brevidade, Emma Rosa,
cuja presença no aposento da rua Dau-
phine podia constringer singularmente
Sophia.

Elle estava resolvido a velar pela
memoria o guarda mais dedicado, ro-
mo o Terra-Nova o mais fiel.

ultimos torçores de um pesadelo, resta-
vam dos velhos odios tradicionais.

O conselheiro Leonel de Alencar, ho-
je barão da sua appellido, consolidou
com uma phrase feliz a sincera re-
lação brasileira orientales, quando ao
apresentar as suas credenciaes disse
que o Brasil a luiava o patriotismo
oriental e professava profunda respeito
impulencia da nobre Republica de Prate-
toso Rivera.

Pouco e imprensa gloriosa com sym-
plicas manifestações as palavras do
nosso respeitavel diplomata, e o *El Fer-
ro Carril* tratando da recepção diploma-
tica, escreveu:

«Anunciando tucramos motivos para
fazer la politica de S. Cristóbal, las mani-
festaciones del representante del *Emperador
del Brasil*, bastaron a disipar este temor.
Hoy por hoy el Imperio el unico amigo
verdadero que tenemos en la America.»

Isto foi escrito pela penna do Rosetti,
precisamente na occasião em que o go-
verno oriental era alvo de pequenas e
reiteradas hostilidades diplomaticas por
parte do governo argentino. Rosetti não
falta a suggestões do despeito; repelia o
que a opinião publica proclamava por
toda a parte. Não menos expressiva era
a linguagem do projecto. Alburist nas
colunas editoriais do *El Siglo*, que,
emora menos expansivo, nem por isso
deixava de fazer justas aos nossos sen-
timentos e ás generosas tendencias da
nossa politica internacional.

Desle essa época por diante, nenhum
orgão oriental influente e catenoso arti-
culou uma phrase se quer, que podesse
ser interpretada em sentido offensivo ao
Brasil; e até este momento, ao menos
que nos consta, escriptor politico alme-
do nota a não serem *periodiqueros* inco-
municados do partido branco, o qual, aliás,
não é solitario com tres escriptores,
tem quebrado a harmonia dos sentimen-
tos amistosos e quasi fraternos que im-
peram na Republica a nosso respeito.

E' por isso que nos surprehen-
da a linguagem em que o *Riverense*,
orgão da chufatura politica do departa-
mento da Rivera, se pronuncia a res-
peito do Brasil e do nosso governo por in-
tuitivo de, em obediencia ao instincto da
propria conservação, havermos adopta-
do a medida precatoria do cordão sanita-
rio.

Dados os antecedentes que viemos da
historia e o est do actual das relações
de ambos os países, é de estranhar que
uma folha que recebe inspirações de um
delegado do governo oriental se pronun-
cia no tom e com a intencão insultuosa
de que usa o *Riverense*. Parece incrível
que haja presentemente no Estado Oriental
uma penna capaz de estampar nas
colunas de um orgão de publicidade
que aquella folha editou e em flagrante
offensa á dignidade brasileira, e, o que
mais é, com a acquiescencia lial da
primeira autoridade do departamento de
Rivera.

Nesta mesma pagina do nosso jornal
encontramos os leitores o artigo do
Riverense, que tomamos das colunas do
Correo Mercantil da Pelotas. Queremos
dar-lhe a maior publicidade possivel para
que se veja como somos tratados na
vizinhança (1).

O *Correo* pede a intervenção do go-
verno no caso, frente da que é possível
a via da acção diplomatica. Não; a ac-
ção diplomatica seria perfeitamente inu-
til, porque o governo oriental tem o re-
curso de poder provar, que não é res-
ponsavel pelos desmandos do escripto-
res incendiarios, muito embora estejam
vendo que tais escriptores operam ao
amparo das inextinguíveis complacencias
de autoridades da elevada cathedra.

O *Riverense* incita o povo da Rivera ao
assalto ás nossas forças e, com effeito,
a sua proclamação produziu os desgra-
daveis successos de 31 de Dezembro
findo.

Sobre o conflicto é que o nosso go-
verno poderá entabalar reclamações,
porque os nossos soldados foram os pi-
cienças da *terrore* bellica dos milicianos
riverenses.

(1) Não ha necessidade de o publicar, assim
julgamos.

—Ao passar pela rua Guénégau para
ir á rua do Sena, onde desejava fazer
pequenas, o ex-masato, do vanto para
o ar, descobriu do lado esquerdo da rua
um escripto com estas palavras:

—APOSENTO PEQUENO, MOBILIADO

para alugar já

—Mobilado! disse ella em voz alta.

Ah! é justamente o que queremos. Mi-
nha man não terá que despendir um
monaco com a mobilia... Bastará pa-
gar todos os mezes um aluguel um pou-
co mais alto, e poderíamos tomar pou-
co, já, agora convém saber o que é esse
pequeno local e se ha meio de fazer a mu-
dança hoje mesmo.

Oscar entrou no corredor da casa.

O quarto do porteiro era no primeiro
andar, como o indicava uma inscripção
lancica pintada na parede, por baixo da
escada.

O ex-masato subio a escada, abriu a
porta do quarto, entrou e disse ao pro-
prietario, homem muito velho e de cabe-
ça tremula:

O senhor tem um aposento mobiliado
para alugar nesta casa?

—Sim, senhor.

—Quantas peças?

—Só do jantar, quarto do dormir,
gabinete para criada com cama e cozi-
nha pequena.

—Está vago?

—Sim senhor.

—Vago hoje mesmo?

O ARTIGO DE 15

O *Correo Mercantil* explica lucidamente
a conveniencia das autoridades do Ri-
vora nos successos de 31 de Dezembro
findo, dia em que as tropas da nossa
cordão sanitario foram atacadas por um
grupo de 200 individuos armados.

O insultuoso artigo do *Riverense* é a
prova evidente d'essa conveniencia, como
facilmente se depreheende da exposição
clara e precisa feita pela folha pelotense,
que diz:

«O artigo do *Riverense* foi publicado
num dia e dois depois os desordeiros
atacavam o cordão sanitario, fazendo
gestos indolentes e offensivos aos nos-
sos soldados. Esses attentados repeti-
ram-se, sem que o chefe politico procu-
rasse evitá-los.

Ora, o artigo de persi era sufficiente
para provocar d'aquelle funcionario uma
repressão severa, e até mesmo devia
merecer as honras de uma communica-
ção immediata ao governo do Sr. ge-
neral Tajes, attenta a gravidade do caso.

Não só nada d'isso se fez, como ainda
dous dias depois, a nossa guarda foi ag-
redida com as armas na mão, por um
tropa de 200 pessoas!

Isto quer dizer que ha annunciada da
parte das autoridades orientales para a
perpetração d'esses verdadeiros crimes;
maxime quando se considera que n'uma
localidade tão pequena como Rive-
ra, 200 homens não poderiam armarse,
fazer exercicios e deliberar atacar os
postos militares de uma nação amiga,
sem que o chefe politico, os commissar-
ios ou qualquer outro funcionario pu-
blico, do tudo tivessem plano conheci-
mento—isto é intuitivo.

Mal se comprehende, portanto, que os
desastros se tenham repetido sem a
participação dos agentes do governo
oriental.

Nós estamos perfeitamente convencidos
do que o governo do general Tajes
atenderá a qualquer reclamação que,
pela via diplomatica, lhe seja feita pelo
nosso governo; do que entantão não
nos podemos convencer e do que elle
castiga o verdadeiro, o unico respon-
savel do desastro commetido—o chefe
politico de Rivera.

O coronel Escobar além de ser um
dos grandes da Republica é intimo ami-
go do chefe do Estado; com elle priva do
mão a mão, e o que o mais significa,
actua-se ambos com a confiança usual
entre irmãos.

Da mais a mais e sabido que os che-
fes militares são lial entidades sagradas
e invioláveis; não os attinge a lei senão
quando leva da volta as culeras do so-
berano *fusil*, que não depressa eleva
uma nullidade ao fastigio das grandes
cozas de depressa a abate e reduz á in-
terra condição da *pariti*; cumprido, po-
rém, notar que neste ultimo caso jinaes
influa o intento de fazer justiça em satis-
fazer ás reclamações estrangeiras, mas
qualquer movel politico, qualquer in-
trigunha domestica.

Por excepção obtivemos o castigo do
ex-coronel Joaquim Santos, autor da te-
nerosa tragédia do Passo Honda; an-
da por excepção o governo italiano en-
seguiu que fossem responsabilizados os
torturadores do Velpi e Patroño; por-
tem o primeiro é hoje senador da repu-
blica (senador feito pelo ex-presidente
Maximo Santos) e os segundos cam-
peam actualmente em elevadas posições
civis e militares.

E o que custou para que uns e outros
fossem submettidos a processo!... A
legação brasileira e a legação italiana
suaram o topete para desfazerem umas
quantas chicanas do governo oriental,
tentando a innocentarem os crimino-
sos, e, sem duvida, a justiça internacion-
al seria burlada se, como *ultima ratio*,
os dous governos reclamantes não hou-
vessem chegado ao extremo de *crigir* o
castigo dos culpados.

E facil, pois, prever, que o coronel
Escobar, apoggiado do governo o
amigo particular do presidente da repu-
blica, não soffrera a não ser o pequeno
incommodo de recomendar ao go-
verno que prove a sua *inmencia*, d'elle, no
attentado da Rivera, e o que o deixo soce-
gado na sua rendosa chufatura politica.

—O ultimo locatario sabia ante-hon-
tem.

—Em que andar?

—No terceiro.

—Di para a rua?

—Sim e não. Comquanto a entrada da
casa seja na rua Guénégau, as janellas
da para a rua do Never.

VIII

—Ah! ah! a rua do Never! repetio
Oscar Rigault. Conheço, é um canudo
de metro e meio de largura. Ao meo-
dia não se vê nada, respira-se ali por
uma greia e não cheira a rosas, ali isso
não! Mas isso não importa, contando
que o aluguel seja barato.

—Otena francos por mez, respondeu
o porteiro. Não se aluga por menos de
um mez, o o aluguel é adiantado.

—O preço pôde servir, e quanto a
pagar adiantado, isso é o menos... Vivo
do meu rendimento. Deixo ver a *caixeta*,
e se me servir, vierei morar aqui com
minha irmã. Uma menina que está muito
doente.

—Vou-lhe mostrar.

O porteiro tomou uma das chaves, que
estava pendurada em um quadro do seu
quarto e levou Oscar ao terceiro andar.

O aposento era pequeno, mas estava
muito regularmente mobiliado com mo-
bilia do noqueiro.

O irmão de Sophia aproximou-se de
uma das janellas, abriu-a, olhou para
fóra e verificou que o tecto da casa em

Mas como é necessario, que haja um ou
mais culpados sobre cuja cabeça caia o
catalo da lei, em homenagem e satisfa-
ção ao nosso governo, não flutirão *po-
lres dila* que se prestam a ser culpados
para ramirem a culpa do coronel Escobar.

Isto é o que ha de succeder se, como
presumimos, o governo imperial pedir
explicações e exigir a formação do in-
dispensavel inquirito sobre os aconteci-
mentos de 31 de Dezembro.

ECHOS DO BRASIL

Viagem Imperial

(Continuado)

«Vai ser um importantissimo edificio
construido em todas as regras da hy-
giena e com todas as commodidades. O
imigrante, que vem pela estrada do
Norte ou pela Inglesa, ali é recebido e
agasalhado—até ter collocação—alimen-
tado e a provincia por oito dias no ma-
ximo, facto que raras vezes se dá, por-
que ordinariamente alli não ficam mais
de tres dias. Agora mesmo acabam de
chegar seiscentos que no fim de tres
dias seguirão para os seus destinos.

«Como se vê, nesta provincia trata-se
seria e eficazmente da imigração. Ha
sincero empenho de proporcionar aos
imigrantes, que a procuram, todas as
facilidades. Sabendo d'ali parou Sua
Majestade no ponto da rua Abaya, on-
de, pelo primitivo projecto deveria vir
ter a avenida, que comega no lugar em
que está o monumento do Ypiranga, e
que, como já tive occasião de dizer, virá
em linha recta para outro ponto.

«O Sr. barão da Parahyba vai mun-
dar levantar a planta da nova linha, para
entender se com os proprietarios dos
terrenos que ella tem de atravessar,
muitos dos quaes, segundo ouvi dizer,
estão dispostos a cedê-la gratuitamente
para a abertura da avenida, na qual se
não poderia edificar senão de accordo
com a postura municipal, que deve ser
proposta pelo camara.

«A segunda visita de Sua Magestade
foi ao asylo dos alienados, instituição
devota ao conselheiro Thomaz Nabuco de
Araújo, quando o presidente desta pro-
vincia, que a estabeleceu em um peque-
no edificio em outro ponto da cidade.
Hoje está elle em outro que, apesar da
grande não satisfaz as necessidades ac-
tuales, pois tendo accommodação para
150 alienados no maximo, actua-se até
250, sendo mulheres 100 e homens 150.
Os pacientes são conservados em salas;
ha grande numero de celulas para os
excitados. Sua Magestade percorreu
todo o edificio, que actua em boa or-
dem e com o maior assento, que é possi-
vel em tais casae. Estão-se construindo
uma nova ala. São mechos do estabe-
lecimento os Drs. Mesquita e Gonzaga
e administrador o Sr. Alvaranga, em-
pregado zeloso e intelligente, que ali
está ha muitos annos.

«A mesma difficuldade que ha para
admissão de alienados no hospicio da
Pedra II, aqui se dá para com o asylo.
E' custado pela provincia.

«Depois do asylo foi Sua Magestade
ao quartel do corpo policial, e, recebido
pelo commandante tenente-coronel Ma-
rinhão e officialidade, percorreu todo o
edificio, incluindo alguns melhoramen-
tos para as solitarias. Em seguida vi-
sita a enfermaria que está em edificio sa-
parado, alagado pela provincia no con-
vento do Carmo. A enfermaria, a cargo
do Dr. A. Netto, está em boas condições
e ali se acham em tratamento 17 pra-
ges. No mesmo edificio estão a arrecada-
ção e o deposito de generos alimenticios.
Sua Magestade visitou a quella e no exa-
me minucioso que fez nos generos disse
que davam ser de melhor qualidade.

«Do quartel foi Sua Magestade á Fa-
culdade do Direito, onde assistio aos
exames do 1.º anno.

«Da faculdade voltou para palacio, e,
depois de ter ouvido missa, por ser o an-
iversario do fallecimento do Dr. Maria
II, tornou a voltar para a faculade, on-
de assistio aos exames do 2.º, 3.º, 4.º e
5.º annos.

«Depois dos exames tornou a palacio
e sahio com S. M. a Imperatriz.

(Continua.)

—frente parecia ficar o daquella em que
ella se achava.

—Amigos podem dar-se as mãos de
um lado da rua no outro, disse elle ri-
ndo.

—Isso é verdade, replicou o porteiro
rindo tambem. Seria muito comodo
para um namorico.

—Onde fica o gabinete que serve do
quarto da criada?

—Ao lado da entrada. Olhe.

O gabinete em questo era uma peça
do tamanho de duas mãos, muito es-
cura e contendo, além de uma cama de
ferro, uma mesinha e uma cadeira de
pinho.

—Minha irmã occupará o quarto de
dormir, disse Oscar. Eu ficarei aqui, á
porta, como um cão de guarda, e aflu-
go-lhe que tenho boas prazas. Decida-
mente convém-me a sua caixeta.

—Então o senhor a aluga?

—Sim.

—Por quanto tempo?

—Primeiramente por um mez, e se
me agrada, continuarei.

—Para isso bastará avisar com oito
dias de antecedencia.

O porteiro fechou a porta e entregou
a chave a Oscar, que cinco minutos do-
pois, munido do seu recibo, sahio da
casa, foi ter com a irmã á rua Dauphine
e contou-lhe o que tinha feito.

—Ha de custar a descobrir a pequer-
rucha lá! acrescentou elle em fôrma
de conclusão.

Sophia não lhe rogaleou a sua appro-
vação.

Curioso incidente

INJURIAS AO TRIBUNAL DO JURY

No Rio de Janeiro, na sessão do jury,
teve lugar uma scena curiosa. Eis como
a conta um jornal fluminense:

«...Compareceu para ser julgado o
réu Agostinho José da Costa, de 21 an-
os da idade, alfaiate, moço sympathico
e, ao que parecia, de regular educação.
Ninguém sabe qual foi a tempestade
dos sentimentos que o levou ao banco
dos réus. Sabe-se simplesmente que a
besspanhola Helena Rosita apanhou
uma punhalada.

Potica romantico foi este moço para-
ranta seus julgadores. Anticamento os
crimes do amor eram sustentados pelos
heroes mesmo na presença das foras,
mesmo diante da força dos chammos
feudais, mesmo á vista das chummas
das fogueiras. A civilização mudou es-
costumes e os habits, e os galans da
hoje negam a péla juntos estas façanhas
e até attribuem o processo a persegui-
ções de escriptores de subilegencia—com
medo de alguns mezes do prisão.

Tambem razoavelmente não se pôde
exigir mais da quem, em vez da tunica
dos romanos, ou dos calções medievos,
vestia burguesamente simples calças e
jaleco de casimira preta.

Agostinho foi condemnado a 6 mezes
e 15 dias de prisão com trabalho.

Depois da leitura da sentença—e aqui
é que o incidente—o réu voltou se para
os Srs. jurados e disse-lhes:

—Vocês são uns vagabundos; con-
demnam-me porque eu sou pobre. Se eu
fosse rico, não me condemnariam.

Não é a primeira vez que os réus di-
rigem se menos respectuosamente aos
seus julgadores; mas nestes termos ac-
cusatorios jamais voz alguma perturbou
o sereno recinto d'aquelle tribunal.

Não nos a tiramos, entantão, que tal
coisa tenha acontecido. Não nesta
sessão—em que o jury é merecedor do
tudo o acatamento pelo modo digno e
justo porque tem procedido em suas de-
liberações—mas, falando em geral, tan-
tas vezes têm sido iniquos e até suspei-
tos os julgamentos feitos por este tri-
bunal, que aquella phrase do réu—doloro-
so e confessional—o consubstancia a opi-
nião publica.

Ninguém accusa o jury do suborno,
mas todos concordam em que a justiça
d'esta instituição, infelizmente, tem
olhos vendados para as causas dos des-
prezados, mas para as causas dos
reus do poderio é, quando menos, myo-
pe.

O jurado Sr. João Ferreira Villela
protestou, como lhe cumpria, contra o
incidente que o réu dirigiu ao conselho.

Foi immediatamente lavrado o acto
do flagrante, depondo como testemu-
nhos os Srs. Anselmo Graça, Christo-
vão Fernaldo Ribeiro Rego, Benjamin
Pedroso Alves da Magalhães, José Pi-
mento de Mesquita, Manuel Carneiro
Leão, Simpliciano Thomé Dulton, João
dos Santos Barbosa e Miguel Ribeiro
Filho.

O réu negou que se tivesse referido ao
tribunal e declarou que ficara muito ex-
altado com a condemnacão.

A formação da culpa por crime de in-
júria commetta ao proprio Sr. Dr. Mon-
teiro de Azevedo, presidente do tribunal.
Sr. Ex.ª, porém, dando se tambem por
quixoso, rematou o acto do flagrante
ao Sr. conselheiro Jaguaribe, 2.º sup-
plente do 2.º districto.

SCIENCIAS

Hygiene

Traduzimos do boletim da Sociedade
Franca de Hygiene, publicado no *Journal
de Hygiene de Paris*, de 23 de Outubro
proximo passado, pelo Dr. Cyrnos, a
importante transcripção, em resumo, da
comunicacão do notavel medico italia-
no, Dr. Angelo Celli, feita á Sociedade
Lancianiana dos hospitaes de Roma,
em junho do corrente anno, sobre o cho-
lera-morbus.

DA PROPRIETARIA REGIONAL DO CHOLERA-MORBUS

Para prevenir qualquer molestia opi-
demica ou contagiosa, em geral, é pre-
ciso conhecer perfeitamente as causas

—Eu vou ver isso com Marietta, dis-
se ella, porque lá devem faltar muitas
cozas necessárias á pobre menina.

Ella ha de precisar da lenha, carvão,
velas, roupa. Depois não terá mais que
a incommodar. Eu cuidarei da nossa
proteção.... Ella interessa-me a ponto
de arrancarem-me lagrimas, a queridinha
Como a gente infelizes vezes! E' quan-
do a gente vê as desgraças alheias que
se julga feliz, a dos, cito do certos pe-
quenos aborrecimentos.

—Quando livrará a menina para o
seu novo domicilio?

—Esta tarde.

—Sabes que não sou capaz de cozi-
nhar para ella, porque nunca aprendi
esse officio.

—Não te incomodes com isso. Eu
providenciarei.

